



A BAHIA E O MONTE SINAI: SINTAXE E SEMÂNTICA DO ESPAÇO EM UM SERMÃO DE ANTÔNIO VIEIRA

BAHIA AND MOUNT SINAI:
SYNTAX AND SEMANTICS OF SPACE
IN A SERMON BY ANTÓNIO VIEIRA

Marcos Lemos Ferreira dos Santos¹
Universidade de São Paulo

Resumo: O presente artigo tem como objetivo compreender como se processa, linguisticamente, a configuração do espaço no *Sermão de Santo Antônio*, de Antônio Vieira. Primeiramente, explica-se a importância do espaço para gênero “sermão”. Em seguida, por meio de categorias da Pragmática, particularmente as definições empreendidas por Fiorin, e das prescrições retórico-poéticas que fundamentam a parenética do século XVIII, pretende-se verificar como a construção de uma sintaxe e de uma semântica do espaço se ajustam, como *decorum*, a uma necessidade exegética que condicione uma situação histórica determinada a uma vontade superior, ou seja, a do Deus Cristão.

Palavras-Chave: Discurso Religioso; Parenética; Pragmática; Antônio Vieira.

¹ Endereço eletrônico: marcos.lemos@usp.br.

Abstract: *This paper aims to understand how the configuration of space in the Sermão de Santo Antônio, by Antônio Vieira, is linguistically processed. First, the importance of the space for the “sermon” genre is explained. Then, through Pragmatics categories, particularly the definitions undertaken by Fiorin, and the rhetorical-poetic prescriptions that underlie eighteenth-century parenetics, it is intended to verify how the construction of a syntax and a semantics of space fit together, as decorum, to an exegetical necessity that conditions a determined historical situation to a superior will, that is, that of the christian God.*

Keywords: Religious Discourse; Parenetics; Pragmatics; Antônio Vieira.

INTRODUÇÃO: O SERMÃO, UM GÊNERO PERFORMÁTICO

Ao delimitar o gênero “sermão”, Maingueneau enfatiza sua dimensão performática, destacando a preocupação com a voz, com a postura, com o movimento das mãos, além do cuidado em relação à adequação de todos esses elementos com o local e o auditório ao qual o enunciador se reporta (MAIGUENEAU, 2010, p. 105-106). Do ponto de vista de sua codificação retórica, esses aspectos pertinentes à execução do discurso compõem sua *actio* ou *pronuntiatio*, quinta parte da *technè rhetorikè*, que, de acordo com Barthes, remeteria a uma espécie de “dramaturgia da palavra”, componente de determinada situação ritualística (BARTHES, 1975, p. 50)².

No caso da parenética do século XVII, interesse deste artigo, o ato de pronúncia não se encontra disponível: o acesso ao discurso ocorre por via textual, mediante publicação posterior à *performance*. Maingueneau lembra que esses textos (ela utiliza como exemplo os sermões de Jean-Baptiste Massillon,

² As partes da Retórica antiga são: *inventio* (invenção), *dispositio* (disposição), *elocutio* (elocução), *memoria* (memória) e *actio* (ação). Enquanto as três primeiras cuidam da composição do discurso como texto, as últimas relacionam-se ao seu proferimento. Em seu texto, Barthes exclui essas partes performáticas em sua explicação sobre o funcionamento da “máquina retórica”, alegando uma suposta preocupação escassa, mesmo dos antigos, em relação a elas. Há um engano nesse argumento: nos tratados dos retores latinos, que enxergavam o discurso oratório como ato público, há extensas prescrições sobre a atuação dos oradores, como se verificam nas obras de Cícero (*De oratore*) e Quintiliano (*Institutio oratória*). Tais preceitos, mais tarde, foram adaptados por tratadistas cristãos para a realidade do púlpito, como patente em Isidoro de Sevilha, Bartolomeu de las Casas, São Francisco de Borja, Fray Luis de Granada e o franciscano Diego Valades, para citar alguns exemplos.

bispo de Clermont durante a primeira metade do século XVIII) circulavam inicialmente em manuscritos “piratas” (sem o consentimento do orador), para, mais tarde, serem recolhidos e revisados para a publicação por seus autores, ou às vezes, quando póstumos, por um editor (MAINGUENEAU, 2010, p. 109). Assim, é possível determinar três momentos distintos de enunciação: o *sermão pregado*, que corresponde à sua pronúncia, ocorrida em tempo e espaços determinados, difíceis de serem recuperados; o *sermão impresso*, quando estampado em um suporte físico que permite sua circulação; e o *sermão lido*, atualização do discurso que se processa em ato de leitura individual.

Para o caso específico do terceiro modo de enunciação, defende-se, aqui, a existência, em nível textual (e paratextual), de uma *actio simulada*, criada a partir de processos editoriais e linguísticos que buscam reconstituir, no discurso escrito, elementos de sua execução original, sua *actio real*. Esta, como apresentação pública, realiza-se em locais variados, uma vez que, de acordo com o ideal de orador cristão do século XVII, temos como pregador uma pessoa atuante, cujo *ethos* se forma mediante ações práticas. Desse modo, para ele, não há um espaço específico de pregação (o púlpito de uma igreja, por exemplo). Na realidade, o mundo corresponde ao seu palco, o *locus* em que se encenará o *theatrum sacrum*. Por isso, como aponta Pécora, a leitura dos sermões revela-nos os ambientes mais diversos possíveis, ocupados por diferentes públicos (PÉCORA, 2008, p. 45). Na enumeração realizada pelo crítico, temos sermões: “na Capela Real Portuguesa” (Sermão de Bons Anos, na passagem de 1641 para 1642), “no colégio dos jesuítas de Santo Antão” (Sermão das Quarenta Horas, em 1642), no Colégio dos Jesuítas de Salvador (Sermão da Véspera da Circuncisão, em 1689), em Roma (Sermão de Santo Antônio, em 1670), na corte da Rainha Cristina (os que formam as “Cinco Pedras de Davi”), no Convento das religiosas de Odivelas (o fantástico Demônio Mudo) e até em uma embarcação, como o Nono Sermão do Rosário, “pregado

por Vieira a bordo do navio que o levava para Lisboa após ser expulso do Maranhão”, no ano de 1661 (PÉCORRA, 2008, p. 47-48).

Como parte das celebrações cristãs, o sermão pode, ainda, ligar-se a um momento específico da Liturgia: Advento, Natividade, Quaresma e Páscoa, os chamados tempos fortes do ano litúrgico, que é particionado de acordo com uma ordem cuja lógica é a vida de Cristo: Encarnação, Nascimento, Ministério, Morte e Ressurreição. Momentos específicos da biografia de Jesus também servem de tema: a circuncisão, o batismo, a crucificação, determinado milagre etc. Há ainda os santos, cada qual com sua data comemorativa, momento em que recebem homenagens sob a forma de discursos panegíricos.

Não é o objetivo, aqui, fazer uma topografia exaustiva dos locais de pregação de Antônio Vieira, esmiuçando as características (arquitetônicas, históricas etc.) desses lugares, ou realizar uma listagem completa de santos homenageados e fatos da vida de Cristo rememorados em sua pregação. Pretende-se, primeiramente, demonstrar como local, circunstância e público determinam escolhas: em relação ao gênero retórico a se empregar (judicial, deliberativo ou demonstrativo); ao estilo (humilde, sublime ou temperado) e às seleções nos níveis da invenção, disposição e elocução. Em seguida, analisar como essas escolhas retóricas integram a exegese pretendida pelo pregador, empenhado em demonstrar, por meio de sua palavra, como uma vontade maior – a do Deus de sua religião – concretiza-se historicamente no mundo terreno. Pretende-se, ainda, verificar, por meio de ferramentas dos estudos de Enunciação, particularmente sobre a categoria do espaço, como as marcas de um determinado local de pregação atualizam-se linguisticamente no ato de leitura do sermão impresso. E mais: que relações esse espaço textualmente construído mantém com a exegese cristã, no nível de sua interpretação hermenêutica. Como objeto para esta análise, escolheu-se um sermão do padre Antônio Vieira.

1 SINTAXE E SEMÂNTICA DO ESPAÇO

Como parte fundamental para a delimitação do gênero, o local vincula-se intrinsecamente à enunciação do sermão. Como paralelo, é possível recorrer ao exemplo de uma peça teatral: o espaço do enredo não se relaciona necessariamente com o sítio de encenação. Há, nesse caso, de acordo com Benveniste (1991), dois espaços: um físico ou tópico, onde ocorre a *performance* do enunciado; outro enunciativo (ou linguístico), no qual a ação do drama se processa (cf. BENVENISTE, 1991, p. 73-74).

Ambos, o tópico e o linguístico, configuram-se por intermédio das propriedades elencadas por Fiorin: (a) “o objeto é construído a partir da introdução de uma descontinuidade na continuidade”, ou seja, existe um ponto central, entendido como descontinuidade, pelo qual esse espaço se conforma, e a partir dele todos os demais se ajustam; (b) “as relações espaciais são simétricas e reversíveis, em função do ponto em que se organiza o espaço”, ou seja, “se *a* está à esquerda de *b* para *X*, estará à direita de *b* para *Y*, se estiver de frente para *x* e do lado oposto de *a*”, e “se *a* é anterior a *b*, sê-lo-á tanto para *X* quanto para *Y*”; (c) “o espaço é pluridimensional” (cf. FIORIN, 1996, p. 260-261).

O problema na transposição de um espaço tópico para o linguístico encontra-se, como verifica Fiorin (que siga *pari passo*), no fato da terceira propriedade ser violada nesse processo: o espaço linguístico não é pluridimensional (ou melhor, não é tridimensional), e a transposição do primeiro no segundo corresponde, na realidade, a uma projeção (FIORIN, 1996, p. 264), como ocorre na pintura, quando se tenta figurar um espaço de três dimensões na bidimensionalidade do quadro.

A análise estrutural do espaço tópico resulta em um sistema cujas categorias principais são a *direcionalidade* e o *englobamento*. Determina-se a primeira por um “modelo antropológico”, fundamentado no corpo humano, que

organiza os objetos pelo olhar. Este articula os elementos em “verticalidade” *versus* “horizontalidade”, subsumida em “lateralidade” *versus* “perspectividade”. A articulação dessas categorias configura-se em um plano cartesiano de três dimensões, que delimita “altura”, “largura” e “comprimento”. A segunda, por sua vez, refere-se à colocação do objeto em determinada posição, articulando-se em “englobante” *versus* “englobado” (cf. FIORIN, 1996, p. 265).

Esse espaço tópico, contudo, não deve ser entendido como algo estático. Há componentes que o dinamizam, conferindo-lhe características cinéticas. As operações que atribuem movimento (*simples* ou *complexo*) ao espaço tópico são *expansão* e *condensação*. Elas, como funções matemáticas, ao serem aplicadas nas categorias, geram mudanças: por exemplo, a expansão aplicada à direcionalidade gera *afastamento*; caso se utilize a *condensação*, tem-se uma *aproximação*. Analogamente, a aplicação da expansão e da condensação na categoria englobamento produz, respectivamente, nuclearização e pontualização (cf. FIORIN, 1996, p. 265).

No enunciado, contudo, por este ser uma projeção dessas categorias e operações, o espaço não remete a posições ou movimentos em uma dimensão determinada; ao contrário, constrói-se a partir de um *hic* no qual se pronuncia um *ego* (o ponto de continuidade na descontinuidade), que determina, mediante adjuntos adverbiais de lugar e pronomes, a posição das coisas: “à esquerda”, “à direita”, “acima”, “abaixo”, “atrás da porta”, “defronte à igreja” etc. Nas palavras de Fiorin:

O espaço linguístico é o do *eu*, mas, quando falo, meu interlocutor aceita como seu. Quando ele se transforma em enunciador, sua espacialidade converte-se na minha. Isso é condição de inteligibilidade da linguagem. Parafraseando ainda uma vez Benveniste, o espaço do discurso não remete nem a posições nem a movimentos numa dimensão determinada, nem se fecha numa subjetividade solipsista, mas funciona como fator de intersubjetividade. (FIORIN, 1996, p. 263)

O espaço, portanto, na virtualidade da linguagem, define-se por uma relação intersubjetiva, e através dela se constrói mentalmente. Se eu digo “aqui” em meu texto, sem especificar ao enunciatário qualquer posição tópica, a comunicação faz-se deficiente. A ausência de uma marcação mais precisa impede o completo entendimento do discurso, que precisa do adjunto (ou de um termo anafórico) para tornar-se inteligível.

Os adjuntos, portanto, funcionam como complementos sintáticos das marcações efetuadas pelos dêiticos, que se estruturam por oposição e diferença: “aqui” *versus* “lá” ou “algures/alhures”, “este” *versus* “esse” ou “aquele”; “isto” *versus* “isso” ou “aquilo”, “eu” *versus* “tu” ou “ele”, “hoje” *versus* “amanhã” ou “ontem”³. A utilização eficiente desses termos é que determina uma *sintaxe do espaço*, conceito definido por Fiorin em complemento à ideia de uma *semântica do espaço*, teorizada por Osman Lins (1976), no estudo em que o autor de *Avalovara* empreende sobre o Rio de Janeiro na ficção de Lima Barreto (cf. FIORIN, 1996, p. 250).

Em sua tese sobre o autor de *Triste fim de Policarpo Quaresma*, Lins ocupa-se de entender, na arte narrativa, os modos de descrição dos espaços. O seu objetivo é aferir como os trechos descritivos de um texto engendram o que ele entende como *ambientação*, ou seja, quando essas exposições mantêm uma função tanto no nível do enredo quanto na caracterização dos personagens, sem que se transformem em meros quadros soltos ou “molduras para os acontecimentos” na estrutura da obra (LINS, 1976, p. 108). Em particular, a pesquisa enfatiza como se revela, nas narrativas, determinado “espaço social”, ou seja, “os costumes e sua

³ As três primeiras oposições dessa lista referem-se ao espaço; as duas seguintes, respectivamente, a tempo e à pessoa. É importante lembrar, ainda, que no caso dos pronomes demonstrativos (“este”, “esse”, “aquele” etc.), distinguem-se duas funções: a de designar, mostrar e singularizar os objetos do espaço (nesse caso, são dêiticos propriamente ditos), e outra, anafórica ou catafórica, de referir-se a elementos no interior do próprio enunciado (cf. FIORIN, 1996, p. 265-266).

evolução, a situação dos indivíduos e das classes, a atitude mental das coletividades” (LINS, 1976, p. 122).

Ao comentar a tese de Osman Lins, Fiorin enfatiza a preocupação do autor em realizar uma topoanálise no âmbito literário que possibilite homologias entre os espaços e aspectos estruturais da narrativa, de modo a fortalecer a produção de significados. Ou seja, trata-se de uma preocupação semântica e, nesse sentido, do estabelecimento de uma “semântica do espaço”, categoria que, como explica em *As astúcias da enunciação*, não tem recebido, por parte dos estudos de Pragmática, a mesma atenção que a pessoa e o tempo (FIORIN, 1996, p. 258)⁴. O que Fiorin realiza, então, em seu livro, é buscar os elementos morfossintáticos que, em nível linguístico, sustentam, por meio da sintaxe, a rede de significados que conformam essa “semântica do espaço”: em outras palavras, uma “sintaxe do espaço”. Tanto a *sintaxe* quanto a *semântica* do espaço serão importantes para a análise a ser realizada, neste artigo, do sermão de Antônio Vieira. A primeira, para verificar como a performance em público – a *actio* – deixa suas marcas linguísticas na versão impressa e está fortemente associada ao local de pregação; a segunda, por sua vez, para entender como as possibilidades de significação que esse espaço propicia conduzem a fundamentação teológica dos argumentos do pregador.

2 A BAHIA E O MONTE SINAI

Como afirmado anteriormente, no caso particular do gênero “sermão”, enunciado e espaço estão intrinsecamente relacionados. Isso acontece por conta de uma característica associada por Georgopoulos à noção de *teatralidade*, que

⁴ De acordo com Fiorin, o fato de não ser possível ao discurso prescindir do tempo e da pessoa confere maior relevância a essas categorias: “Com efeito, não se pode deixar de utilizar, em hipótese alguma, o tempo e a pessoa na fala, mesmo porque essas duas categorias são expressas por morfemas sufixais necessariamente presentes no vocábulo verbal. Como, porém, o expresso é expresso por morfemas livres, pode não ser manifestado” (FIORIN, 1996, p. 258).

corresponde, na definição de Barthes (1975), ao “teatro menos o texto”, ou seja, aos condicionamentos materiais (“gestos, tons, distâncias, substâncias, luzes”) que sustentam uma encenação (GEORGOPOULOS, 2003, p. 28). Ou ainda, de acordo com Zumthor, à presença de um corpo a executar uma obra, mediante voz e gesticulação: uma *performance* (ZUMTHOR, 1991, p. 27). Em termos retóricos, tal teatralidade corresponde à *actio*.

Essa *pronuntiatio* acontece em um espaço tópico cujas marcas são perceptíveis, no espaço linguístico, por meio da construção de uma sintaxe do espaço. Vamos verificar como ela se processa, por meio de uma leitura do Sermão de Santo Antônio, que, de acordo com a *descriptio* posposta ao título, fora proferido pelo Pe. Antônio Vieira “na igreja e dia do mesmo Santo, havendo os holandeses o sítio que tinham posto à Baía, assentando os seus quartéis e baterias em frente da mesma igreja”:

Este é o lugar, onde por espaço de quarenta dias e noites, como o Dilúvio, sustentou a Baía, posta em armas, aquela furiosa tormenta de trovões, relâmpagos e raios marciais, com que a presumida hostilidade do inimigo, assim como tem dominado em grande parte os membros deste vastíssimo estado, assim se atreveu a vir combater e quis também conquistar a cabeça. E neste mesmo lugar (bendita seja a bondade e providência divina), trocados os receios em alegria, as armas em galas, e a guerra em triunfo, vemos junta outra vez a mesma Baía, para render a Deus as devidas graças pela honrada e tão importante vitória, com que desenganado o mesmo inimigo, ocultou de noite a fugidia, e de dia o vimos tão humilhado e desairoso, por onde tinha entrado tão orgulhoso e soberbo. (VIEIRA, tomo VII, p. 27)⁵

O pronome demonstrativo que inicia o exórdio aponta para o espaço tópico de enunciação. Este, porém, só é perceptível no ato de leitura por intermédio, das informações contidas na *descriptio* do sermão (“Na igreja e dia do nosso Santo”), e pela associação destas com o título (“Sermão de Santo Antônio”).

⁵ Para melhor compreensão, atualizou-se a ortografia do texto.

Esses elementos compõem, no plano linguístico, a sintaxe do espaço, possibilitando ao leitor construir imageticamente a cena.

Materializado textualmente o palco em que se encena a *actio*, quando o enunciado diz “neste mesmo lugar”, completando, em seguida, com uma apóstrofe a Deus (“bendita seja a bondade e a providência divina”), já houvera antes a sua caracterização como “espaço sagrado”, por meio do locativo (“Na igreja”), o que torna verossímil o pedido, possibilitando, na mente do leitor, o entendimento da imagem correspondente à ação. Determinada a posição no espaço (a igreja, centralizada no discurso, é a descontinuidade na continuidade), a referência à “mesma Baía” retoma anafóricamente mais uma informação contida na *descriptio*, ampliando o espaço no enunciado (a “igreja” está contida na “Baía”), mediante *expansão*, o que permite construir a imagem de uma igreja cercada pelas tropas inimigas.

A malha tecida pelos pronomes demonstrativos e as operações anafóricas criam a cena. Mas a pregação é circunstancial, ou seja, está fortemente ligada ao espaço e ao momento, àquele espaço-tempo, e por isso a necessidade de uma contextualização histórica para a compreensão integral do enunciado⁶.

De acordo com o relato realizado por João Lúcio de Azevedo, em sua *História de Antônio Vieira*, Maurício de Nassau e suas tropas (compostas por “três mil soldados europeus e mil índios auxiliares”) invadiram a cidade da Bahia, vindos de Pernambuco, em 16 de abril de 1638. A cidade, no entanto, não se encontrava despreparada: por quarenta dias resistiu ao sítio, o que ocasionou a desistência do inimigo. Comemora-se, portanto, com esse sermão, a retomada da cidade e a fuga dos holandeses, que chegaram a abandonar, no local, os próprios pertences (cf. AZEVEDO, 2008, p. 54-55).

⁶ Editorialmente, isso se faz com o uso de notas de rodapé, prefácios, posfácios, entre outros paratextos que visam à sua explicação ou contextualização.

A notícia histórica complementa a malha textual costurada pela sintaxe do espaço e possibilita, ao leitor, a visualização do espaço tópico. A partir deste, mediante uma *semântica do espaço* (possível apenas depois que se tem em mente espacialidade tópica), mostram-se verossímeis as escolhas elocutivas realizadas por Vieira no sermão (o uso de palavras ligadas ao campo semântico da guerra, por exemplo) e os lugares-comuns selecionados na construção dos argumentos. O seguinte trecho corrobora essa afirmação:

O monte Sião da Bahia, não há dúvida de que é este monte em que estamos, posto que ao princípio tão mal fortificado, depois tão forte e inexpugnável, como as baterias e assaltos dos inimigos, tanto à sua custa experimentaram. E que o Davi desta Sião seja Santo Antônio, que nela assentou o solar da sua casa, facilmente se pode demonstrar até aos mesmos olhos; porque se do saial lhe fizermos a samarra, da corda a funda, da voz formidável do demônio a harpa, de ser o menor da família de seu pai a família dos menores, e de ter sempre a Deus junto ao peito, ser aquele de quem disse o mesmo Senhor, que tinha achado um homem conforme ao seu coração, com pouca diferença de cores veremos naquele altar, ou de Santo Antônio formado um Davi, ou Davi transformado em Santo Antônio. Deste segundo Davi pois disse Deus no mesmo caso: *Protegam urbe hanc, et salvabo com propter me, et propter David servum meum.* (VIEIRA, tomo VI, p. 98-99)

O conceito predicável que movimenta o desenvolvimento do sermão foi retirado do Velho Testamento, mais precisamente do Segundo Livro dos Reis: “Protegerei esta cidade e a salvarei em atenção a mim mesmo ao meu servo Davi” (2 Re 19,34)⁷. O episódio bíblico em questão narra o cerco empreendido pelos assírios, comandados por Senaquerib, à Jerusalém⁸, e o texto em latim que antecede o exórdio refere-se a uma fala do Oráculo de Iahweh, correspondente a uma impreciação contra o rei da Síria. Na noite seguinte à profecia, uma doença exterminou o exército inimigo, impedindo a invasão da capital de Judá⁹.

⁷ As citações bíblicas são retiradas da Bíblia de Jerusalém.

⁸ “No décimo quarto ano do rei Ezequias, Senaquerib, rei da Assíria, veio para atacar todas as cidades fortificadas de Judá e apoderou-se delas” (2 Reis 18,13).

⁹ “Naquela mesma noite, saiu o Anjo de Iahweh e exterminou no acampamento assírio cento e oitenta mil homens. De manhã, ao despertar, só havia cadáveres” (2 Reis 19,35).

A semelhança nas situações (“Bahia cercada pelos holandeses”/“Jerusalém cercada pelos assírios”) torna lícita a escolha do versículo bíblico como conceito predicável e permite a superposição de outro espaço ao tópico, designado aqui como *espaço prefigural*, com base em um conceito desenvolvido por Auerbach: o de *figura*. De acordo com o autor, esse conceito, no contexto da profecia fenomenal dos Padres da Igreja, corresponde a um procedimento exegético que entende pessoas e acontecimentos do Velho Testamento como *prefigurações* do Novo Testamento (AUERBACH, 1997, p. 26-27).

Tecendo uma história da palavra, cujas raízes estão em *ingere*, *figulus*, *fictos* e *effigies*, Auerbach expõe os deslizamentos semânticos do vocábulo, que se desviou de um sentido mais concreto (“forma plástica”) – sua primeira aparição está no *Eunuchus* de Terêncio (*nova figura oris*) –, para outro mais abstrato (sua utilização no contexto cristão)¹⁰, cuja primeira ocorrência conhecida se deu com Tertuliano, em *Adversus Marcionem*, obra em cinco volumes, possivelmente escrita entre 267 e 208 da Era Cristã, em que o tratadista estabelece relações entre Josué e Jesus. De acordo com o teólogo, assim como o filho de Num “conduziu o povo de Israel à terra prometida da Palestina”, Jesus guia seus seguidores à “terra prometida da vida eterna” (cf. MARCZYK, 2010, p. 18). O nome Josué-Jesus assume, portanto, uma conotação profética, ao antecipar fatos que viriam a acontecer (“*Hanc prius dicimus figuram futurorum fuisse*”)¹¹, ou seja, Josué *prefigura* Jesus:

[...] pois Jesus Cristo ia introduzir um segundo povo, que somos nós, nascidos nos desertos deste mundo, na Terra Prometida, da qual emanam o mel e o leite, isto é, na posse da vida eterna, da nada existe de mais doce; e isto tinha de acontecer não por meio da lei de Moisés, isto é, por meio da disciplina da Lei, mas por meio de Jesus, isto é, por meio da Graça do Evangelho, nossa circuncisão sendo realizada por uma faca de pedra, isto é, depois de termos sido circuncidados por uma pedra de cortar, isto é,

¹⁰ Para acompanhar os desvios de significado da palavra *figura*, ao longo do tempo, cf. AUERBACH (1997, p. 13-26).

¹¹ Tertuliano, *Adversus Marcionem*, 3, 16.

segundo os preceitos de Cristo, pois Cristo é a pedra. Por isso, *este homem, que era preparado como imagem deste sacramento, foi consagrado em figura com o nome do Senhor e, assim, chamado Jesus*.¹² (apud MARCZYK, 2010, p. 21)

É importante salientar que Tertuliano, como afirma Auerbach, não lia o Velho Testamento como “mera alegoria”; ao invés, defendia a concretude de seus espaços, situações e pessoas, as quais reverberariam nas existências, também concretas, dos sujeitos, circunstâncias e lugares do Novo Testamento. Na operação empreendida por Vieira, no sermão em análise, a penha sobre a qual se ergue a Igreja de Santo Antônio, na Bahia, espaço tópico construído sintaticamente no enunciado, é prefigurada pelo Monte Sinai, defendido por Iahweh, no episódio bíblico. São, portanto, três espaços: o tópico, recuperado mediante sintaxe do espaço, o linguístico e o *prefigural* (no sentido de que é, a partir dele, *que se forma a figura*). Este, superposto ao tópico, acaba por aproximar temporalidades distintas, de modo a revelar uma concepção de tempo que não corresponde ao iluminista (no sentido de sua irreversibilidade).

Como demonstra Hansen, o tempo em Vieira é “uma emanção ou uma qualidade análoga do conceito indeterminado de Deus”, pela qual a substância eterna do Criador se revela “na heterogeneidade dos eventos do passado figurados nos textos canônicos”, propondo-se como “guia seguro” do livre-arbítrio, de modo a proporcionar ao humano uma Salvação, que é individual e coletiva (HANSEN, 2013, p. 53). Assim, a substância divina que está em Davi é a mesma que se revela em Santo Antônio, do mesmo modo que o espaço de atuação do primeiro (o monte Sião) já existia como prefiguração da ação do Senhor no do segundo (a igreja, também, em um monte, na cidade da Bahia). A

¹² No original: “*Hanc prius dicimus figuram futuri fuisse. Nam quia Iesus Christus secundum populum, quod sumus nos nati in saeculi desertis, introducturus erat in terram promissionis melle et lacte manantem, id est vitae aeternae possessionem, qua nihil dulcius, idque non per Moysen, id est non per legis disciplinam, sed per Iesum, per evangelii gratiam, provenire habebat, circumcisis nobis petrina acie, id est <praeceptis> Christi, petra enim Christus,—ideo is vir, qui in huius sacramenti imagines parabatur, etiam nominis dominici inauguratus est figura, Iesus cognominatus*”.

semelhança entre espaços e circunstâncias valida o argumento e aponta para a realização da Vontade de Deus, que, supratemporal, comparece identicamente nas duas situações, ambas concretas e históricas. Esse curto-circuito espaço-temporal identifica uma noção de tempo entendida não mais como vetor em direção ao Futuro (progressivo e não repetível); ao contrário, o desenho mais afim com essa ideia é a do círculo, forma perfeita que subentende o cíclico e representa o Criador e sua Sempiternidade.

A compreensão e a junção desses elementos – apreendidos após a contextualização histórica e a fundamentação teológica – possibilitam a determinação de uma *semântica do espaço* que torna verossímeis as escolhas efetuadas nos níveis da elocução e da invenção (e também da ação, embora esta não seja visível a quem tem acesso apenas ao texto do sermão, publicado em livro). Como explica Pécora, é nas *circunstâncias* que os pregadores buscam as “figuras de base para os seus ornatos dialéticos” (PÉCORA, 1994, p. 12), de modo a assegurar aos fiéis o que Hansen (2013) afirmara: a existência de uma lógica cristã que valida a supremacia e ação da vontade de Deus no mundo temporal. Maior eficácia terá o sermão, em função do conceito de *decorum*, quando aplica, na construção de seu enunciado, seleções que tenham como base a circunstância, o local e o público. É a *semântica do espaço*, ou seja, o seu sentido histórico-teológico, que possibilita a aplicação desse decoro.

Por esse motivo, para o entendimento completo de um enunciado desse tipo, o conhecimento do espaço e da circunstância faz-se essencial. O mesmo se afirma quanto a determinações de escolhas, na enunciação, nos níveis da invenção, disposição, elocução e ação. Esta última, por encontrar-se no âmbito performático, depreende-se mediante uma sintaxe do espaço (por meio de dêiticos e adjunto adverbiais, em nível linguístico), que possibilita a delimitação de uma semântica do espaço. Toda essa materialidade, em sua execução original, encontra-se infelizmente perdida. Mas é possível recuperar ao menos uma

sombra dela, projetada habilmente na malha textual, seja pelos paratextos, fundamentais para esse gênero, seja pela hábil costura de elementos linguísticos no processo de escrita.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

É famoso o trecho do “Prólogo ao Leitor”, escrito por Antônio Vieira para a estampa da *editio princeps* de seus sermões, em que o orador compara os textos impressos de suas prédicas a cadáveres, quando fora de suas circunstâncias de desempenho. Ora, como explicado na introdução deste artigo, o sermão seiscentista é um gênero performático; no entanto, o único registro dessas apresentações, excetuando os relatos históricos de algumas, são esses “borrões”, reelaborados “sem a voz que os anima”¹³, apenas com as letras do papel. Seria possível recuperar marcas dessa pronúncia perdida por meio desses “cadáveres”?

Com o apoio das teorias da Enunciação, particularmente as que se ocupam da construção do espaço no discurso, verificou-se como uma sintaxe do espaço, por meio de dêiticos e adjuntos (que conformam o espaço linguisticamente), possibilita a visualização do espaço de pregação (o espaço tópico), que se constrói em nível textual. Por fim, o local de pregação ainda comporta possibilidades de significação que, para pregadores de agudo engenho, como Vieira, propiciam argumentos teologicamente fundamentados que sustentem o desenvolvimento do conceito predicável escolhido para conduzir a pregação.

A malha textual e os mais diversos recursos paratextuais – *descriptio*, prefácios, notas – revelam-nos em outra situação discursiva – a leitura do sermão

¹³ “Da folha que fica atraz (se a leste) haverás entendido a primeyra razão, ou obrigação, porque começo a tirar da sepultura estes meus borrões, que sem a voz que os anima, ainda ressuscitados são cadáveres” (VIEIRA, 1679, p. 12). Manteve-se, nesta citação, a ortografia utilizada na *editio princeps*.

impresso – as sombras de uma materialidade comunicacional perdida, mas que ainda se deixa entrever pela força da escrita de textos que certamente são muito mais que mero borrões.

REFERÊNCIAS

- AUERBACH, E. *Figura*. São Paulo: Ática, 1997.
- AZEVEDO, J. L. *História de Antônio Vieira*. Vol. 1. São Paulo: Alameda, 2008,
- BARTHES, Roland. A retórica antiga. In: COHEN, J. *et al. Pesquisas de retórica*. Trad. de Leda Pinto Mafra Iruzun. Petrópolis: Vozes, 1975.
- BENVENISTE, E. *Problemas de linguística geral*. 3. ed. São Paulo: Pontes, 1991.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. 5ª ed. São Paulo: Paulus, 1976.
- FIORIN, J. L. *As astúcias da enunciação*. São Paulo: Ática, 1996.
- GEORGOPOULOS, C. L. *A teatralidade no sermão de Vieira*. Tese de doutorado. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.
- HANSEN, J. A. A Chave dos Profetas: Deus, analogia, tempo. In: VIEIRA, A. *A Chave dos Profetas*. Livro Primeiro. Tradução de António Guimarães Pinto. São Paulo: Loyola, 2013.
- LINS, O. *Lima Barreto e o espaço romanesco*. São Paulo: Ática, 1976.
- MAINGUENEAU, D. *Doze conceitos em análise do discurso*. São Paulo: Parábola, 2010.
- MARCZYK, M. B. F. A. *A interpretação topológica da Bíblia e seus reflexos na representação do povo judeu*. Tese de doutorado. Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
- PÉCORA, A. A arte de morrer segundo Vieira. In: VIEIRA, A. *A Arte de Morrer*. Concepção, organização, prefácio, notas e cotejos com a *editio princeps* por Alcir Pécora. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.
- PÉCORA, A. *Teatro do sacramento*. Campinas: Ed. UNICAMP, 2008.
- VIEIRA, A. *Sermoens*. Fac-símile da *editio princeps*, em 14 tomos. Editado pelo autor, 1679-1706.
- VIEIRA, A. *Sermões completos*. 5 volumes. Porto: Lello & Irmãos, 1945.
- ZUMTHOR, P. *A letra e a voz*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 01 de outubro de 2021.

Aprovado em sistema duplo cego em: 29 de março de 2022.